

ilustrada

FOLHA DE S. PAULO

Domingo, 23 de setembro de 1990 F-1

Camargo põe a forma na rota da aventura

ANTONIO GONÇALVES FILHO

Da Reportagem Local

SERGIO CAMARGO - Exposição individual do artista plástico e lançamento do livro "Camargo", do crítico Ronaldo Brito. Nesta terça-feira, às 19h, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud (av. Brigadeiro Luís Antonio, 4.417, tel. 887-7088). Preço do livro no lançamento: Cr\$ 13.200,00. Exposição aberta até 20 de outubro.

Nesse clima de regressão e fuga ao passado instaurado pela nova desordem estética européia é surpreendente que um nome de peso ainda corra o risco da aventura em direção ao futuro. Mas existe. O escultor carioca Sergio Camargo, aos 60 anos, criou mais alguns problemas para os matemáticos e outros tantos para os críticos com sua nova exposição no Gabinete de Arte, a partir desta terça-feira. Um bom guia para a viagem nesse incerto território é o livro "Camargo", do crítico Ronaldo Brito, que será lançado na abertura da mostra.

Mais do que um guia, o livro é

um ensaio rigoroso sobre a vocação construtiva de Camargo, marcada pelo signo da instabilidade. Ou, nas palavras de Brito, sobre uma obra que deixa o espectador "tantalizado", ansioso por possuir um objeto fora de seu alcance, fascinado por uma "estrutura em dúvida". Não é exagero. Camargo confirma Brito, ao dizer que não cria formas, "mas estruturas das quais derivam formas, muitas vezes até inverossímeis".

Quem já viu alguma de suas peças feitas com o negro belga nos anos 80, sabe que Camargo foi até o limite de resistência material para fazer surgir dessa sua aventura formas que confrontam a natureza. Brito usa uma palavra mais suave, abandono, para afirmar que, desde os relevos dos anos 60, Camargo propõe "uma fenomenologia da ordem moderna" a exigir do espectador um olhar não-analógico. A escul-

tura "abandona" a natureza, mas não gera monstros. Se os relevos abdicavam do "definitivo", segundo Brito, as peças negras geram o que ele chama de "poema possível, mínimo e pleno, no mundo em que construção e destruição, sob o signo do nuclear, se tornam indissociáveis".

Nesse poema entram apenas substantivos, conforme o crítico. Expurgados todos os adjetivos e todas as metáforas, Camargo só conservaria — para escândalo dos puristas — parte da herança dadaísta, que continuaria rendendo frutos "enquanto lógica e estética de desintegração". Camargo, muito sério, confirma Brito mais uma vez, citando as muitas horas de conversa com Hans Arp (1888-1966), o homem que colocava em confronto células orgânicas e formas geométricas. Arp trazia consigo o paradoxo de integrar movimentos tão díspares quanto o dadaísta e a escola mondrianesca. Camargo faz pe-

ças destinadas a provocar igualmente certo desconforto por sua insólita aparência.

"Administrar a loucura é difícil. Você tem de encontrar uma ordem própria. Em vez de contar, é melhor dizer algo", justifica Camargo. E a aventura "paradadaísta" quer investigar o "campo" enquanto perspectiva.

Nas peças negras horizontais dos anos 80, às vezes cortadas em ângulos tão agudos que nem mesmo as máquinas pareciam acreditar, "implodiam as referências racionalistas", segundo Brito. Ele as classifica de "obras-primas problemáticas", chamando essas peças de um grande paradoxo moderno. Elas deixam de ser esculturas para anunciar uma nova ordem, em que o construtivismo positivista, definitivamente, não tem lugar.

LEIA MAIS

Sobre Sergio Camargo à pág. 45-9



Bel Pedrosa

Sergio Camargo no Gabinete de Arte, onde expõe a partir de terça